

Índice

- 7 Nota introdutória
Tânia de Menezes Montenegro
- 11 Prefácio – Uma Torre a Norte
Mário Cláudio
- TESTEMUNHO
- 15 Mário
José Manuel Mendes
- ENSAIOS
- 19 Mário Montenegro: Uma interrogação sem fim
Fernando Pinto do Amaral
- 31 Mário Montenegro ou o poeta no encalço do silêncio
Carlos Ascenso André
- 45 Mário Montenegro – Uma visão neo-romântica do mundo
Cândido Oliveira Martins
- 57 Dos Olhos ao Coração – Mário Montenegro ou o cosmógrafo do espaço-tempo
Tânia de Menezes Montenegro
- 63 Mário Montenegro – Um autor a redescobrir
Domingos Lobo
- 75 A escrita que recorda e que vincula – *Crónica de Sombras*, de Mário Montenegro
José Vieira
- 87 POEMAS INÉDITOS

Nota introdutória

Tânia de Menezes Montenegro

Esta obra nasce na sequência de um ciclo de homenagem a Mário Montenegro, promovido pelo escritor Mário Cláudio e pela Câmara Municipal de Paredes de Coura. Intitulado *O Coração das Coisas. Mário Montenegro, um Poeta em Paredes de Coura*, o ciclo decorreu entre agosto e outubro de 2023 e incluiu uma exposição biobibliográfica, o lançamento do catálogo da mostra e uma mesa-redonda dedicada à obra literária de Mário Montenegro. Os eventos tiveram lugar no Centro Mário Cláudio, em Venade, Paredes de Coura.

A mesa-redonda que encerrou o ciclo contou com a participação de Carlos Ascenso André e Domingos Lobo, que apresentaram belíssimos ensaios literários sobre a obra de Mário Montenegro, e de José Manuel Mendes, com um texto breve que evoca, com grande sensibilidade, encanto e elegância, a figura, a vida e a obra do Poeta, bem como a amizade que os uniu. Daí nasceu a ideia de Mário Cláudio de reunir os textos em livro, comprometendo-se, desde logo, a escrever o prefácio. Nos meses seguintes, outros convites foram feitos e generosamente aceites por Fernando Pinto do Amaral, Cândido Oliveira Martins e José Vieira, ampliando assim o corpo de ensaios desta obra.

O alinhamento dos textos segue uma estrutura simples: inicia-se com o testemunho, seguido de ensaios sobre a obra poética, e conclui-se com textos que abordam a poesia e/ou o romance *Crônica de Sombras* (2000).

O título deste livro tem origem num pequeno *post-it* manuscrito, onde Mário Montenegro anotou algumas ideias para o nome do seu próximo livro de poesia. Esse pedaço de papel, já amarelecido pelo tempo, foi encontrado entre a vasta documentação deixada pelo Poeta.

Uma das opções ali registradas coincide com o título da sua última obra poética – *Dos Olhos ao Coração* (2005) – publicada postumamente na antologia poética com o mesmo nome. Para o ciclo de homenagem de 2023, escolheu-se o título *O Coração das Coisas*. Entre os outros títulos, estavam: *No Côncavo da Mão Esquerda*; *Doce Falar de um Homem Só*; *Rumor de Sílabas*; *Meu Nome Poesia*, e *Entre Luz e Sombra*. Este último foi consensualmente considerado pela família (mulher e filhas), como o que melhor reflete a essência da obra do Poeta. Daí a escolha para intitular este livro.

Entre Luz e Sombra também inspira a belíssima ilustração de capa criada pelo artista plástico Tiago Manuel especialmente para esta edição.

No final do livro, incluem-se seis poemas inéditos de Mário Montenegro. São imagens de poemas datilografados e manuscritos, alguns deles assinados pelo autor. É a mão do Poeta que, assim, encerra esta obra.

Aos amigos que abraçaram este projeto – escrevendo e ilustrando a capa – deixo um longo e eterno abraço.

— Fúculos p/ o próximo livro

" O CORAÇÃO DAS COISAS "

X X

" NO CÔNCAVO DA MÃO ESQUERDA "

X X

" DOLE FALAR DE UM HOMEM SÓ "

X X

" RUMOR DE SILABAS ~~ACESS~~ "

X X

" MEU NOME POESIA "

X X

" ENTRE LUZ E SOMBRA "

Prefácio

Uma Torre a Norte

Mário Cláudio

Quem espera do prefaciador a redundância da visita ao prefaciado, de resto já disponível para os que desejam conhecê-lo, ilude-se numa expectativa fatalmente frustrada. Os textos agora coligidos, se por um lado passam muito bem sem o serviço do responsável por estas linhas, por outro acenam-lhe com o silêncio a que deverá remeter-se quem chega depois. A ideia de um certo prefácio, mais ou menos loquaz, só como provocação poderá ceder à alternativa da irónica mudez que o substitua na forma de página em branco. Acrescidas motivações, porventura não literárias, mas afectivas, intervirão porém neste caso, a determinar que a pena não se detenha em suma no parágrafo que se fecha aqui.

No actual prefaciador coincidem as qualidades de amigo dedicado, e a de autor homenageante, a Mário Montenegro que prematuramente se despediu do mundo, mas deixando um rasto de paisagens harmonizadas com a sua maneira de ser. Elidir ou subalternizar qualquer uma destas razões, ou até ambas, configuraria recusa a uma navegação para que os estudos a seguir fornecem relevante contributo.

Convoque-se portanto, e como prévia dimensão, um vocábulo capaz de recolocar os temas da recepção do poeta, e do destino imediato da sua obra. No substantivo “distância”, adoptado na conjunção

espácio-temporal, contém-se uma vasta potência de entendimento. Oriundo do Alto Minho interior, e aí voluntariamente fixado até ao termo dos seus dias, Mário Montenegro procederia na consciência da própria solidão. Afastado das urbes que funcionam como secretarias de artes e negócios, ter-se-á sentido em compensação beneficiário de uma independência que, inaudível socialmente, lhe asseguraria a individualidade libertadora. E ao cenário que nisto se desenha, condicionante de uma existência nas letras, aludem os testemunhos dados hoje colectivamente a lume. Neles chama-se a atenção para o “quadro telúrico” (Tânia de Menezes Montenegro), para o “carácter assumidamente rural” (Cândido Oliveira Martins), e para a “sintonia primordial” (José Manuel Mendes). Eis pois como o referente “distância” se torna factor de nitidez no espaço, e de recorte no tempo, a explicar a elegância de quem se depara “só, no coração da noite”.

A dialéctica cidade-aldeia transmuda-se por consequência na polaridade Natureza-mundo, o que estimula os participantes da presente colectânea à convergência da reflexão sobre a poética em análise. E a “componente oralizante e popular” (José Vieira) associa-se à “semente do seu canto” (Carlos Ascenso André), faculta a subida à “substância da nossa humanidade” (Domingos Lobo), tudo por via de “uma linguagem de certo modo clássica ou serena” (Fernando Pinto do Amaral). Da simbiose contraída entre lirismo e libelo alimenta-se por fim uma dinâmica tenaz, a que se expressa na tensão entre a nascente pessoalmente ressuscitada e a cartilha fraternalmente dividida.

A Casa genesíaca, vértice em que se demora o ficcionista de *Crónica de Sombras*, conduz os afluentes aparentemente desgarrados a um curso único, o da voz discreta, mas firme, do recitativo que mais ninguém inventou. Fiquemos com a sua leitura, e a dos que o acompanham em estima e saudade, na imagem a água-forte de uma torre, marcando o norte magnético em que se congregam as infinitas pétalas da rosa-dos-ventos.

TESTEMUNHO

Mário

José Manuel Mendes

Poeta, romancista, ensaísta e crítico literário

Universidade do Minho

Conhecemo-nos numa das áleas da eternidade do tempo. Por caminhos de aproximação e permanência: a literatura, o agir político. Em ambos os domínios nos fizemos experiência, decerto diferenciada, dádiva a ideais, alvoroço, júbilo e melancolia nos acidentes do quotidiano. Em plena cidade do acontecer, sem nome identificável em quaisquer lugares da utopia, despojada de nefelibatismos, das trocas interpessoais com seiva humanista.

O Mário, que em França fora acometido pelo infortúnio com expressão física e moral, observem a aragem pondo-lhe a luz da tarde na barba negra e nos cabelos fartos, exercia convívios a céu aberto, rua em rua, praça em praça, casa em casa, fantasia em fantasia, outorgando às palavras largo espaço e sentido de compasso, rigor, busca de uma verdade não codificada. A evidência axiológica não empedernia no acriticismo das práticas distantes de um pensamento que se interroga. Era um homem de méritos incomuns nos plúrimos centros da sua intervenção. Daí a justeza das homenagens em curso.

Na Edilidade como nos livros coabitavam nele uma gramática assente e as vias do renovo, respondendo a impulsos íntimos ou

exógenos, tendo o Outro, os outros, as comunidades literária e da sua Paredes de Coura, como vocação, natureza, destino.

Isso reencontramos nos textos que nos legou, um a um, poéticos, narrativos, cronísticos, e no culto das amizades não adiáforas – a do meu tão admirado Mário Cláudio sobretudo. Os anos em que tive, a partir de 1981, e mantenho os passos longe de Braga e do Norte – o Alto Minho desde logo –, tornaram a nossa fraternidade amiúde telefónica. Oiçam-lhe o riso sem diques ou ademanos, a fala de coração cheio, as formas de perguntar e expor. Uma raridade. De obras e autores, no intervalo das emergências do quotidiano, nutríamos esses instantes. Alguns nomearia não fosse o tópico da brevidade na raiz da evocação.

Do acinte da morte, ainda *in mezzo del camin*, guardo a dor, o desgosto, não menor por esperado, o súbito fulgor da ausência no âmago da notícia escurecendo um anoitecer londrino. O Mário permanece em mim e nunca como lápide no silêncio opaco ou murmuroso dos primeiros de novembro; sempre uma constância cujas intermitências agudizam a intensidade da sintonia primordial.